



## UM FATO, MUITAS PERSPECTIVAS: A POSTAGEM SOBRE A INTERNAÇÃO DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO NOS JORNAIS FOLHA DE SÃO PAULO E THE NEW YORK TIMES

Carla Montuori Fernandes<sup>1</sup>

Luiz Ademir<sup>2</sup>

Ana Quadros<sup>3</sup>

**RESUMO:** Com a chegada da internet e, principalmente, das redes sociais, a importância da imprensa foi ameaçada. Afinal, ela não é mais a única com a capacidade de fazer circular informações em grande escala. Contudo, isso não fez com que a imprensa deixasse de prestar um papel na circulação das informações. Tendo isto em vista, este artigo pretende responder à pergunta: de que forma a imprensa circula mensagens repassadas em redes sociais digitais? Para tanto será feita uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (2011) das abordagens do jornal Folha de São Paulo e The New York Times sobre a postagem de Jair Bolsonaro sobre sua internação hospitalar na rede social Instagram, em 14 de junho de 2021.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Midiatização. Circulação. Jornalismo. Jornalismo Político.*

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em Comunicação Política pela Universidade de Valladolid. Doutora em Ciências Sociais, com ênfase em Comunicação Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente titular do Programa de pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista. E-mail: carla.montuori@docente.unip.br

<sup>2</sup> Pós-Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Doutor (2005) e Mestre (1999) em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ, Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor Associado III do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, em regime de Dedicção Exclusiva (DE) na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Atualmente, atua como docente, pesquisador do curso de Comunicação Social - Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: luizoli@ufs.edu.br

<sup>3</sup> Doutoranda e Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) na linha de pesquisa Mídias e Processos Sociais, graduou-se em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) em 2018. E-mail: anarquadros@gmail.com

---

**Revista ALTERJOR**

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 13 - Volume 02 - Edição 26 - Julho-Dezembro de 2022

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

**ABSTRACT:** With the arrival of the internet and, especially, social networks, the importance of the press was threatened. After all, it is no longer the only one with the ability to circulate information on a large scale. However, this did not stop the press from playing a role in the circulation of information. With this in mind, this article aims to answer the question: how does the press circulate messages passed on in digital social networks? For that, a content analysis will be carried out along the lines of Bardin (2011) of the approaches of the newspaper Folha de São Paulo and The New York Times about Jair Bolsonaro's post about his hospital stay on the social network Instagram, on June 14, 2021.

**KEYWORDS:** *Mediatization. Circulation. Journalism. Political Journalism.*

## 1. Introdução

A comunicação é uma das principais ferramentas na construção de identidades e imaginários. Desde o surgimento da grande mídia, a imprensa tem exercido um importante papel na definição do que é ou não relevante. Thompson (1998) explica que controlar o que aparece na mídia é entendido como vital para os políticos.

Contudo, a chegada da internet possibilitou a construção e exposição de narrativas próprias com um grande público potencial, processo chamado por Castells (2017) de autocomunicação de massa. Em teoria, como explica Fausto Neto (2013), um político não precisa mais da imprensa para se comunicar com seus eleitores.

Um exemplo é o presidente Jair Bolsonaro (PL). Além da forte presença nas redes sociais digitais, Bolsonaro interage com a mídia tradicional de forma conflituosa, criticando-a com frequência, assim como faz com as instituições brasileiras. Essa postura condiz com o humor do brasileiro, comprovado pela pesquisa de credibilidade Edelman Trust Barometer 2018<sup>4</sup>. De acordo com o estudo, o Brasil é um dos seis países que menos confiam na mídia. Apenas 18% dos brasileiros acreditavam que o governo tinha credibilidade, sendo que 43% achavam a mídia confiável. Menos de metade dos brasileiros (47%) viam os jornalistas como porta-vozes confiáveis, enquanto a credibilidade da pessoa comum era de 70% no País. Ao mesmo tempo que 67% das

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.edelman.com.br/estudos/trust-barometer-2018>> Acesso em: 30 ago. 2020.

pessoas comuns eram incapazes de discernir entre bom jornalismo e boatos ou mentiras, 75% tinham medo que *fake news* fossem usadas como arma.

Porém, como lembra Gomes (2004), não se deve superestimar ou subestimar o poder da mídia nem menosprezar as estratégias que os políticos usam, com base nos critérios de noticiabilidade, para se inserirem nas pautas dos veículos de comunicação. Tendo em vista este cenário, este artigo tem por objetivo avaliar se e de que forma os jornais utilizam publicações políticas em sua cobertura.

Para tanto, será feita uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (2011) dos textos “Bolsonaro é internado com obstrução intestinal e pode passar por cirurgia em São Paulo”, publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 14 de julho de 2021, e do texto “Brazil President Bolsonaro Is Hospitalized and Faces Possible Surgery”, publicado na mesma data pelo jornal *The New York Times* na mesma data.

O objetivo é avaliar se houve e, em caso positivo, de que forma, menção à publicação do presidente da república sobre sua internação na rede social Instagram. Após passar dias com uma crise de soluços, o presidente da República sentiu fortes dores do abdome entre a noite do dia 13 e a madrugada do dia 14 de julho. Ele foi levado para o hospital militar em Brasília. O médico responsável pela cirurgia após a facada recebida por Bolsonaro em 2018 foi chamado à capital e o presidente foi transferido para São Paulo, onde os médicos fariam exames para avaliar a necessidade de uma cirurgia.

Na ocasião, o presidente fez uma postagem em suas redes em que aparecia em um leito hospitalar, em São Paulo, ligado a aparelhos médicos. Apenas no Instagram, a publicação, feita em 14 de julho de 2021, foi curtida por mais de 1,9 milhão de pessoas e recebeu cerca de 257 mil comentários. Desta forma pretende-se avaliar a relevância dada a esta postagem nos referidos textos e averiguar se é possível inferir que a estratégia de inserção nos veículos de comunicação feita por Jair Bolsonaro foi bem-sucedida ao encontrar espaço na agenda jornalística.

## **2. A relevância da comunicação**

Definir o termo comunicação não é uma tarefa fácil. Parte desta dificuldade está no fato de a comunicação se transformar continuamente, assim como a sociedade. Como

lembra Pernisa Júnior (2016), a própria comunicação, assim como a circulação, se dá em um espaço de troca e de transformação potencial.

O autor afirma a comunicação e circulação são processos relacionados. Isso é ainda mais verdade desde a chegada da internet, uma vez que ela representou uma grande mudança na forma de circulação dos discursos. De acordo com Pernisa Júnior (2013), nesse cenário fica mais difícil determinar um polo de emissão e outro de recepção. Tudo fica mais fluido, inclusive as barreiras entre os campos sociais. Mesmo que um assunto seja trazido inicialmente pela imprensa (um polo tradicionalmente emissor), os portais de notícia não têm controle completo da discussão que é feita nos comentários.

Por estas razões, para se compreender os fenômenos comunicacionais contemporâneos, é preciso enxergar os processos da comunicação como um ambiente de circulação, em que as mensagens não necessariamente são interpretadas pelo outro da forma pretendida pelo emissor. A visão matemática da comunicação ou a visão de que a linguagem se trata apenas de um código limita as possibilidades de estudo dos fenômenos comunicacionais.

Fausto Neto (2013) acredita que, ao percebermos a comunicação como ferramenta, deixamos de lado todas as possibilidades que a circulação oferece. Segundo o autor, é impossível que se controle a interação antes que ela aconteça. Para ele, os dois lados produzem sentidos para uma mensagem que não são necessariamente iguais. O locutor, portanto, não teria controle do efeito de sua mensagem no receptor.

Braga (2013) aponta que somente a existência de um código compartilhado não garante a comunicação, tendo em vista sua necessidade de adaptação à situação e ao contexto em que é utilizado. Isso é mais um indício de que os códigos não funcionam como a criptografia, em que é possível codificar e decodificar uma mensagem sem alterações. Ainda assim, os códigos têm um sistema de regras e padrões compartilhados que permite um maior potencial de entendimento entre os falantes. E, mais que isso, possibilita a produção de ações plurais.

Via de regra, para que ocorra uma interação, é necessário apenas que os interlocutores tenham alguma referência em comum. Entretanto, essa comunhão não garante que a compreensão e a reação à mensagem serão as mesmas. Afinal, “estamos em

um espaço no qual a ‘ação em comum’ não é necessariamente harmônica” (BRAGA, 2013, p.161).

Para Fausto Neto (2013), os momentos de desequilíbrio na comunicação ocorrem quando a circulação se torna mais perceptível. É nesses momentos que surgem os meios de comunicação, que tem o objetivo de diminuir a distância nas condições de contato entre emissor e receptor. O papel desses meios, como explica Rodrigues (1990), fazer é uma intermediação dos outros campos sociais. Segundo o autor, o discurso midiático assume uma natureza exotérica, ou seja, constrói-se como um discurso de fácil compreensão dos repertórios dos demais campos simbólicos.

Tal papel dá grande relevância aos meios de comunicação. Braga (2011) aponta três razões pelas quais é possível considerar a mídia como central na sociedade moderna. A primeira delas seria que os meios de comunicação, em especial os audiovisuais, foram os responsáveis para a percepção social de que a sociedade conversa consigo, ou seja, para a objetivação do objeto comunicação.

Um segundo ponto elencado pelo autor são os processos comunicacionais provocados pelos meios de comunicação social (MCS), capazes de produções de sentidos compartilhadas por toda a sociedade. Grande parte do que se comunica na contemporaneidade, seja sob o aspecto quantitativo ou de relevância, é feito por meio dos MCS.

Pela primeira vez na história, uma sociedade se dotou de um vasto aparato tecnológico-empresarial-cultural-profissional-mítico voltado especificamente para (ou proposto expressamente como sendo para) veiculação de mensagens e para a produção de efeitos de fruição estética ou de entretenimento. Ao mesmo tempo, por sua dimensão, complexidade e diversidade de ações e poder intrínseco, este aparato não pode ser visto como inteiramente a serviço de uma outra determinada ordem de objetivos e processos sociais (BRAGA, 2011, p.68).

Essa produção de mensagens e efeitos faz com que a mídia se aproprie de funções antes pertencentes a outros campos sociais. Para Braga, esse é o terceiro fator que atesta a centralidade midiática. Para o autor, os MCS incluem tudo que conseguem representar em sua narrativa. Ao fazerem isso, os meios penetram nos processos sociais, alterando-

os conforme sua própria lógica. Esse conjunto de fatores permite afirmar que vivemos em uma “sociedade de comunicação” ou “sociedade mediática”.

Um exemplo desse fenômeno é como a mídia, em especial o jornalismo é capaz de construir ou ressignificar a percepção que temos tanto do presente quanto do passado (BARBOSA. 2007). Como escreve Barbosa (2007), o jornalismo é “produtor do tempo presente” (Ibid. p. 104) e consegue construir a história do hoje e mesmo reconstruir a história do ontem, desempenhando uma função relevante na construção de imaginários.

Isso pode ser feito por meio dos enquadramentos noticiosos. Porto explica que a definição mais utilizada de enquadramento é a de Gitlin, na qual “enquadramentos são entendidos como recursos que organizam o discurso através de práticas específicas (seleção, ênfase, exclusão etc.) e que acabam por construir uma determinada interpretação dos fatos” (PORTO, 2002, p.6). Pode-se dizer que os enquadramentos noticiosos são a forma como os fatos são apresentados, organizados e destacados, tanto pelos jornalistas quanto por pessoas comuns.

Motta acredita que o tipo de enquadramento predominante na mídia é o “dramático (narrativo)”, pois ele permite que, “sendo objetivo, revelar, amplificar ou instituir conflitos, tensões, clímax; heróis e vilões; bons e maus homens, como na literatura” (MOTTA, 2007, p. 9). Para D’Angelo e Shaw (2018), o enquadramento noticioso está muito relacionado às ênfases adotadas nos textos.

Para os autores é possível dividir os enquadramentos noticiosos em dois grandes grupos: os “genéricos” e os “relativos a tópicos específicos”. No caso do enquadramento genérico existem outras quatro divisões: o enquadramento episódico (focado nos acontecimentos), o temático (focado nos contextos), o de valor noticioso (baseado no local e momento dos acontecimentos) e o estratégico (que focam em contextualizar eventos de campanha e motivações políticas).

Similarmente, Porto (2002) explica existirem quatro tipos de enquadramentos na cobertura política feita pelos jornais. Sendo assim, tentaremos identificar se é utilizada alguma das seguintes abordagens: (a) “corrida de cavalos” (com ênfase em pesquisas eleitorais/de opinião), (b) “episódica” (apenas descreve acontecimento), (c) “temática”

(que dá ênfase aos pensamentos dos políticos) e (d) “centrada na personalidade” (que reforça qualidades pessoais).

Para D’Angelo e Shaw (2018), ao contrário do enquadramento genérico, o enquadramento por tópicos é menos suscetível a enquadramentos apresentados pelas fontes jornalísticas. Isso porque eles são, geralmente, baseados na contraposição de vários pontos de vista. Por isso eles costumam estar presentes em textos relativos à ciência e acontecimentos marcantes.

Porém, independentemente de serem genéricos ou de tópicos específicos, para os autores, enquadramentos são formas de construção de sentido. Assim, textos e imagens enquadradas em jornais servem para criar narrativas, caracterizar ideias e ideologias e até como princípio organizador. Isso indica que, como explica Williams (2011), os meios de comunicação são meios de produção e não apenas um dispositivo para troca da informação e mensagens.

### **3. Comunicação e política**

De todas as áreas que fazem uso da mediação para transmitir seus discursos, talvez a política seja a que mais dependa da mídia para atingir seus objetivos. Thompson (1998) explica que o surgimento da mídia eletrônica nos possibilitou um maior acesso à imagem de líderes políticos e celebridades do que se tinha antes. Muitas vezes somos capazes de nos sentirmos íntimos de pessoas que nunca encontraremos em nossas vidas cotidianas. Essa evolução tecnológica modificou as formas de poder e, também, a maneira como distinguimos o público e o privado.

Os políticos sempre controlaram sua visibilidade. Porém, essa antiga prática tornou-se mais difícil nos tempos modernos. Antes, suas interações eram basicamente com os membros da corte, salvo grandes eventos como coroações, marchas de vitórias e funerais. Nesses eventos maiores, onde interagiam com o público, conseguiam se colocar metafórica e literalmente acima e distante de todos, mantendo o caráter sagrado do poder. Com os jornais, os governantes podiam divulgar a própria imagem para aqueles que antes não teriam acesso a ela, por outro lado, seus opositores poderiam fazer circular imagens dos governantes que não condiziam com o que estes diziam deles mesmos.

Com a televisão, o público receptor das imagens dos governantes (tanto boas quanto ruins) se tornou muito maior e mais disperso. Além disso, o público pode realmente ver seus líderes, causando o aumento da importância da aparência (vestimenta, apresentação, modo como se portar). Ademais, com as sociedades democráticas e, conseqüentemente, a escolha de novos líderes de tempos em tempos, os governantes não têm escolha “senão a de se submeterem à lei da visibilidade compulsória” (THOMPSON, 1998, p.124).

Meyrowitz (1985) observa que essa nova realidade afetou a forma como percebemos as nossas lideranças. Antes das mídias eletrônicas, quando público e privado eram esferas totalmente distintas, os políticos conseguiam manter uma imagem que beirava a de um deus. Tal fato não foi mais possível com a evolução tecnológica, sobretudo com a chegada da televisão. Entre as décadas 1960 e 1980 houve a percepção de que não havia bons líderes no cenário político estadunidense, mas o autor levanta a hipótese de que, nesse período, o que ocorreu não foi a total ausência de lideranças e sim a incapacidade de adaptação dos políticos da época à ausência de bastidores. De acordo com Meyrowitz, as barreiras entre público e privado se tornaram tão tênues que beiravam a inexistência. Tudo estava sujeito a ser exposto pela mídia.

A obrigatoriedade de exposição midiática também é percebida por Rodrigues (1990), que, por sua vez, afirma que a realidade é determinada pela mídia, ou seja, tudo que não é abordado por ela não tem existência reconhecida pela sociedade. Para Barbosa (2007), o jornalismo é capaz de construir ou ressignificar a percepção que temos tanto do presente quanto do passado (BARBOSA. 2007). Como escreve Barbosa (2007), o jornalismo é “produtor do tempo presente” (Ibid. p. 104) e consegue construir a história do hoje e mesmo reconstruir a história do ontem, desempenhando uma função relevante na construção de imaginários.

Nesse contexto, Braga (2006) defende que é necessário ressaltar a interação entre mídia e sociedade, ao contrário do que fazem alguns pesquisadores ao atribuírem aos produtos midiáticos muito mais poder do que de fato possuem. Ou seja, é preciso frisar que não apenas a relação da mídia com os demais campos sociais se alterou, mas também houve mudanças na própria mediação. Atualmente, as práticas interacionais não estão

restritas à mídia de massas. Entende-se, agora, o receptor como um sujeito que também é ativo no processo comunicacional. Braga (2012, p.36) ressalta que “o surgimento das novas tecnologias crescentemente disponibiliza possibilidades de midiática para setores ‘não-midiáticos’”. Cria-se assim um fluxo contínuo de comunicação, no qual as mensagens são criadas com o foco nas respostas esperadas ou pretendidas.

Desse modo, uma das estratégias para se manter na mídia é a midiática, ou seja, tornar algo parte do discurso midiático. Braga descreve esse processo como:

[...] uma criação e recriação contínua de circuitos, nos quais, articulados com processos de oralidade e processos do mundo da escrita, os processos que exigem ou exercem intermediação tecnológica se tornam particularmente caracterizadores da interação (BRAGA, 2012, p.50).

Hjarvard (2012) afirma que não se pode tratar a mídia como uma instituição independente da cultura, da família e da religião. Para o autor, a mídia integrou-se e se interpôs às demais instituições e deve-se compreender as formas pelas quais elas e os processos culturais se reformularam a fim de se adaptarem a lógica midiática. Ele lembra ainda que o termo midiática foi aplicado primeiramente ao impacto dos meios de comunicação na comunicação política. Uma forma dessa adaptação da política à lógica da mídia, para ele, é quando os políticos formulam suas declarações públicas em termos que personalizam e polarizam as questões, para que as mensagens tenham mais chances de serem veiculadas pela mídia.

Fausto Neto (2012) exemplifica uma estratégia de midiática por meio de uma análise da atuação do Instituto Lula no período da descoberta e tratamento do câncer do ex-presidente. Conforme explica, as duas operações feitas pelo Instituto Lula – antecipar a existência da doença e os efeitos sobre o corpo de Lula do tratamento quimioterápico – foram uma importante estratégia de midiática ao se antecipar e evitar que o campo jornalístico autorizado fosse o enunciador e principal mediador da enfermidade do ex-presidente. Nesse sentido, o Instituto Lula apresentou os fatos a partir dos enquadramentos que considerava mais importantes para Lula, sem poder de interferência dos meios noticiosos.

Nesse sentido, Braga afirma que, ao criar novos circuitos informativos e comunicacionais, o processo de midiaticização coloca em xeque, de certa forma, o poder dos campos simbólicos instituídos. Quebram a sua hierarquia e ignoram suas formas de funcionamento. Como se trata de um processo que se intensificou nos últimos anos, o autor é cauteloso em afirmar até que ponto isso, de fato, coloca em risco o poder de tais campos, ressaltando que é um período de transição, de mudanças na lógica também de como os sujeitos atuam na esfera pública.

Como explica Castells (2017), por mais que exista o fenômeno da autocomunicação de massa, em que uma única pessoa pode, sem o auxílio da imprensa, se comunicar com várias outras, os meios tradicionais de comunicação também migraram para a internet. Além disso, como afirma Recuero (2014), nem todas as pessoas ou grupos têm a mesma influência na internet.

Isso quer dizer que ainda há necessidade de se inserir na imprensa e, para isso, é necessário seguir as suas regras. Gomes (2004) escreve que uma das maneiras mais efetivas de se introduzir na mídia é utilizando os critérios de noticiabilidade. Portanto, a política arranja para que seus fatos sejam impactantes e atrativos. Existem cada vez menos notícias espontâneas do mundo da política, fatos que não tenham sido pré-fabricados para atrair o olhar dos noticiários.

#### **4. A proposta da pesquisa**

Tendo em vista este cenário em que o poder e mesmo a necessidade da mídia têm sido questionados, como escreve Ferrara (2020), as midiaticizações contemporâneas são muito marcadas pela polarização e pelo antagonismo. Porém, é possível que ambas as formas de midiaticização (a autocomunicação em massa por meio das redes e a inserção na imprensa tradicional) possam coexistir sem, necessariamente, a dominação de uma sobre a outra.

Uma maneira de medir a influência dos discursos de autocomunicação como estratégias de inserção na imprensa é por meio da análise dos enquadramentos noticiosos apresentados pela mídia tradicional. Levando em conta este contexto, neste artigo pretende-se comparar, por meio de uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (2011)

o enquadramento dos jornais *The New York Times* e *Folha de S. Paulo* da internação do presidente Jair Bolsonaro, ocorrida na primeira quinzena de julho de 2021.

Tendo em vista que a análise de conteúdo é um método que busca verificar os elementos constitutivos de um documento com o objetivo de encontrar padrões e produção de inferências sentido a partir de categorias de análise (rubricas significativas), estabelecem-se como categorias:

1. Tipo de enquadramento: em quais das categorias elencadas por Porto (2002) e D'Angelo e Shaw (2018) os textos de encaixam;
2. Fontes utilizadas: visa-se observar de onde os jornais extraem as informações e qual é o espaço dado a elas;
3. Temáticas abordadas: quais são os assuntos tratados no texto dos jornais e como eles se relacionam à postagem do presidente;
4. Extensão do texto: qual o espaço destinado ao acontecimento (entende-se que quanto maior o número de parágrafos, maior a importância destinada);
5. Imagem do presidente Bolsonaro: se ele é visto de forma positiva, negativa ou neutra e como ela se assemelha ou se distancia da imagem feita por ele mesmo.

O corpus desta análise será constituído dos textos “Bolsonaro é internado com obstrução intestinal e pode passar por cirurgia em São Paulo” (*Folha de S. Paulo*) e “Brazil President Bolsonaro Is Hospitalized and Faces Possible Surgery” (*The New York Times*), ambos publicados em 14 de julho de 2021, mesmo dia da postagem do presidente da república.

A escolha destes jornais se deve a grande abrangência dos mesmos. A circulação da *Folha* atinge quase 30 milhões de pessoas<sup>5</sup>, muito mais do que os mais de 18 milhões que seguem Bolsonaro no Instagram. Já quanto ao *New York Times*, além de ser um dos principais jornais do mundo, pode ajudar a construir a imagem internacional do país com

---

<sup>5</sup> FOLHA de S. Paulo. Dados de audiência do 1º trimestre reafirmam liderança da Folha. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/dados-de-audiencia-do-1o-trimestre-reafirmam-lideranca-da-folha.shtml>> Acesso em: 23 ago. 2021.

seus mais de 164 milhões de visitantes globais por mês<sup>6</sup>. Quanto à seleção do corpus, foi levada em consideração a proximidade das manchetes dos jornais e também o estilo do texto e a abordagem da publicação do presidente Bolsonaro.

## 5. Um fato, muitas perspectivas

Antes de compreendermos a abordagem dos jornais sobre a publicação de Jair Bolsonaro, faz-se necessário saber do que se trata a postagem. Em 14 de julho de 2021, Bolsonaro compartilhou uma foto dele mesmo deitado no leito hospitalar. O presidente aparece sem camisa e com o corpo coberto por fios. Ao seu lado, um homem de batina e crucifixo toca seu ombro. Porém, o rosto do padre não aparece e ele não é marcado na publicação.

Além da foto, a publicação inclui um texto de seis parágrafos. No primeiro deles, o presidente tenta associar sua hospitalização aos seus rivais políticos ao dizer que este “desafio” seria uma “consequência da tentativa de assassinato promovida por antigo filiado ao PSOL, braço esquerdo do PT”.

Ao longo dos três parágrafos seguintes, ele ressalta que o Brasil passa por dificuldades, mas que, assim como ele recebeu uma “nova oportunidade”, o país também receberá. Em ambos os casos, Deus é colocado como ponto chave para o sucesso. O termo “Deus” é mencionado quatro vezes. Além disso, os termos “orações”, “irmãos” e “abençoe”, assim como a foto do religioso com o crucifixo tem conexões com a religiosidade cristã.

Pode-se dizer então que as temáticas abordadas por Bolsonaro são: a facada que recebeu em 2018, seus inimigos políticos e a religiosidade. Na postagem, o presidente adota um enquadramento que Porto (2002) chama de “centrado na personalidade”, ou seja, que valoriza suas qualidades. Na narrativa criada por Bolsonaro ele é alguém que supera as adversidades e é o responsável por “mudar a realidade do Brasil”.

Já quando tratamos dos jornais, o enquadramento é bastante diferente. O *The New York Times* adota uma ênfase que se parece com o enquadramento episódico, ou seja,

---

<sup>6</sup> THE New York Times. Media Kit. Disponível em: <<https://nytmmediakit.com/>> Acesso em: 23 ago. 2021.

mais focado nos fatos. O jornal relata que o presidente brasileiro pode enfrentar uma cirurgia. O texto explica que o presidente foi internado na quarta-feira, com fortes dores abdominais e que o médico que fez a cirurgia após a facada em 2018 recomendou que ele fosse para São Paulo para a realização de mais exames.

O *New York Times* aponta que a obstrução intestinal é decorrência da facada e que pode estar relacionada aos soluços dos quais o presidente havia reclamado nos últimos dias. A notícia ressalta que estas informações são de um comunicado divulgado pelo próprio governo. Além do comunicado, a publicação estadunidense reproduz a fala de Bolsonaro para uma rádio local em que ele atribui os soluços a uma cirurgia dentária que havia feito.

O jornal faz menção também à publicação do próprio Bolsonaro nas redes sociais. A imagem compartilhada por Bolsonaro é descrita, mas não reproduzida. Um trecho da postagem de Bolsonaro é destacado. Nele o presidente diz: “Mais um desafio, consequência da tentativa de assassinato” e “Um atentado cruel não só contra mim, mas contra a nossa democracia”.

Esses dois trechos são parte do primeiro parágrafo da publicação, mas o jornal omite a continuação da primeira frase de Bolsonaro, em que ela acusa, indiretamente, seus adversários políticos pelo atentado. Mesmo assim, esse tema é abordado. O *New York Times* explica que Bolsonaro passou por uma série de cirurgias desde o episódio da facada e que o presidente, mesmo tendo conseguido a vitória, insiste em acusar seus adversários de terem planejado o ataque.

O jornal ressalta, porém, que Bolsonaro não tem evidências que embasem esta acusação e que o juiz responsável pelo caso declarou que o agressor, Adélio Bispo era “mentally ill” (tinha doenças mentais) e que, portanto, não poderia responder pelo crime. O *New York Times* informa ainda que a internação de Bolsonaro vem em um momento em que o presidente enfrenta problemas de popularidade devido a escândalos e crises geradas pela atuação do governo durante a pandemia. O jornal lembra ainda que o legislativo está investigando uma possível corrupção na compra de vacinas contra a Covid-19.

Dado este relato, é possível inferir que a abordagem do *New York Times* é pouco favorável a Bolsonaro. Ele é retratado como alguém que faz acusações sem provas para atacar seus inimigos e que sai de cena em um momento de crise. Este retrato é o oposto do que o próprio Bolsonaro divulga dele mesmo.

Além disso, o jornal não dá destaque para a publicação de Bolsonaro no Instagram e nem mesmo divulga a imagem que o presidente postou. As fontes usadas (declaração do presidente no Instagram e na rádio, comunicado de imprensa do governo e sentença judicial) são abordadas de forma mais neutra, em que se enfatizam mais os fatos: Bolsonaro tem dores por causa da facada e pode enfrentar cirurgia, mas a facada não tem relação com adversários políticos.

Não se pode dizer o mesmo da abordagem da *Folha de S. Paulo* sobre o assunto. Enquanto o texto do *New York Times* é mais conciso, com apenas 11 parágrafos, a reportagem da *Folha* chega aos 44 parágrafos sem contar o grande infográfico-linha do tempo no final da publicação.

Apenas este dado indica que o jornal brasileiro deu muito mais importância à possível cirurgia de Bolsonaro do que o estadunidense. Isso pode indicar ao leitor da *Folha* que a situação do presidente é mais séria.

Outro dado que faz com que a situação de Bolsonaro pareça mais grave no texto da *Folha de S. Paulo* são as fontes ouvidas. O periódico brasileiro tenta conseguir informações do hospital, que não as fornece; reproduz um parágrafo inteiro do comunicado oficial; transcreve três parágrafos de fala de um dos filhos do presidente, Flávio Bolsonaro; diz ter falado com ministros “ouvidos sob reserva”; reproduz trechos de falas dos ministros da Comunicação e da Casa Civil; ouve dois médicos especialistas e ainda reproduz falas de Bolsonaro em diversos contextos.

A abordagem das fontes impede que o enquadramento utilizado pela *Folha* seja o mesmo utilizado pelo *New York Times*. Na verdade, o texto tem aspectos mistos. Em momentos que reproduz falas de diversos apoiadores e também do próprio Presidente da República, a *Folha* acaba por adotar, em certa medida, um enquadramento centrado na personalidade, como a postagem do presidente no Instagram.

Além disso, pode-se fazer uma associação entre outros trechos do texto com o enquadramento temático, descrito por D'Angelo e Shaw (2018), uma vez que a cobertura vai além do fato em si e é mais descritiva quanto ao tema abordado. Além disso, embora descreva o que aconteceu, informando o motivo da internação, não é possível encaixar o texto no enquadramento episódico, já que existe uma grande contextualização e aproximação com outros enquadramentos.

Um exemplo é o infográfico no final dos 44 parágrafos do texto. Nele a *Folha* descreve todas as cirurgias e procedimentos médicos de Bolsonaro de 2018 até 2021. Além da indicação dos fatos, o jornal inclui imagens que representam como foram feitos os procedimentos, laudo médico e foto do momento da facada.

Além disso, o texto dedica 14 parágrafos para falar do soluço de Bolsonaro e suas possíveis causas, conversando a esse respeito com dois médicos especialistas. Com isso, o tema do soluço tem muito mais destaque do que o dado pelo *The New York Times*, assim como o tema do episódio da facada.

A *Folha* também aborda a queda de popularidade do presidente e as investigações da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) e acrescenta que Bolsonaro tem aumentado a “retórica golpista”. Porém, a *Folha* reproduz todo o primeiro parágrafo escrito por Bolsonaro no Instagram e, apesar de falar que o presidente ataca seus adversários na postagem, o jornal brasileiro não contrapõe a acusação do presidente com o fato da decisão judicial. Ou seja, não fica claro para o leitor da *Folha* que não existem provas que sustentem estas acusações.

Com isso, a imagem do presidente Bolsonaro descrita pela *Folha de S. Paulo* fica ambivalente. Ao mesmo tempo em que ressalta as ameaças golpistas do presidente, o jornal veicula muitas falas de Bolsonaro e seus apoiadores. A foto divulgada nas redes de Bolsonaro é incluída na matéria da *Folha* duas vezes, enquanto nem aparece no *The New York Times*.

Além disso, o jornal brasileiro reproduz trechos da fala do presidente em que ele se apresenta como a pessoa que supera desafios e vai livrar o país “das garras da corrupção, da inversão de valores, do crime organizado, e para garantir e proteger a

liberdade”. Essa abordagem é enfatizada quando o jornal disponibiliza a fala de seu filho Flávio Bolsonaro dizendo:

Flávio afirmou ainda que pessoas próximas ao presidente vêm notando que Bolsonaro tem apresentado dificuldades para falar e discursar. Por isso, segundo o senador, ele vem recebendo conselhos para reduzir compromissos.

"Ele está se submetendo a uma agenda muito intensa, todo mundo até pedindo para que ele dedicasse um pouquinho mais de seu tempo a dormir bem, porque ele não dorme bem. É só dar uma pequena mudança em seus hábitos alimentares, na rotina, sob os cuidados médicos e muito breve estar 100%." (COLLETA *et al.*, 2021).

Esse trecho dá a entender que o presidente trabalha tanto que até mesmo prejudica a sua saúde. Essa abordagem é enfatizada à medida que o jornal passa a relatar, logo em seguida, que o presidente aparecia em compromissos com crise de soluços, ou seja, já apresentando sintomas de que sua saúde não estava bem.

Com isso interpreta-se que, apesar de não ser favorável ao presidente e retratá-lo como alguém que tem discurso “golpista” e, portanto, antidemocrático, a *Folha de S. Paulo* reproduz muito do discurso feito pelo próprio Jair Bolsonaro, diferente do que acontece na cobertura do *The New York Times*.

51

### **Considerações Finais**

A partir desta análise, é possível perceber que o tratamento dado ao mesmo fato é bastante diferente no texto do *The New York Times* e da *Folha de S. Paulo*. A princípio, o jornal brasileiro teria motivos para adotar um enquadramento mais crítico ao presidente da república.

O presidente Jair Bolsonaro e o Jornal *Folha de S. Paulo* mantêm um relacionamento conflituoso. Em 2019, o presidente chegou a dizer que “canalha é elogio para a *Folha de S. Paulo*”<sup>7</sup>. Ainda assim, o jornal dá muito mais espaço para a circulação da mensagem do presidente do que o *The New York Times*, que, por não ser brasileiro teria menos motivos para se opor a Bolsonaro.

---

<sup>7</sup> BBC. 9 ataques de Bolsonaro a jornalistas — e quais os temas que levaram presidente a perder a linha. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52553647>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

O enquadramento utilizado pelo *New York Times* faz com que o periódico mantenha uma maior aparência de neutralidade, já que se atém aos fatos. Por outro lado, os fatos elencados expõem um Bolsonaro que faz acusações sem prova e que se interna em um momento de crise.

Essa narrativa aproxima o fato à estratégia explicada por Gomes (2004) de criação de fatos para inclusão na mídia. Já a *Folha*, por sua densidade, quantidade de fontes e escolha de falas dá a impressão de que a situação é mais séria do que ela de fato se mostrou, já que o presidente não precisou passar por cirurgia de emergência<sup>8</sup>.

Assim, respondendo à pergunta proposta neste artigo, não é possível prever um padrão para a forma como a imprensa circula informações vindas das redes. Como explicado por Fausto Neto (2013), não é possível antecipar a construção de sentidos. Sendo assim, nem sempre o que é divulgado por um político de uma forma, em sua tentativa de se comunicar sozinho com seu público será reproduzido da mesma maneira em outros meios. Se há diferença nas abordagens, ainda que de forma mais leve, como observado no caso da *Folha*, não é possível descartar a relevância da imprensa na circulação de informações.

## Referências

- BARBOSA, Marialva Carlos. **Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória.** Niterói: EdUFF, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Editora 70, 2011.
- BOLSONARO, Jair. Mais um desafio [...]. **Instagram**, 14 de junho. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CRUZlaKCL0G/>> Acesso em: 22 ago. 2021.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- COLETTA, Della Ricardo; CARVALHO, Daniel; MACHADO, Renato; TAVARES, Joelmir. **Folha**, São Paulo, 14 de junho. Bolsonaro é internado com obstrução intestinal e pode passar por cirurgia em São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/07/com-obstrucao-intestinal-bolsonaro->

---

<sup>8</sup> LOPES, Adriana Dias; GOMES, Bianca; ROSÁRIO, Mariana. Médicos de Bolsonaro descartam cirurgia de emergência após primeiros exames em São Paulo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/medicos-de-bolsonaro-descartam-cirurgia-de-emergencia-apos-primeiros-exames-em-sao-paulo-25110179>> Acesso em: 23 ago. 2021.

sera-transferido-a-sao-paulo-para-possivel-cirurgia-de-emergencia.shtml> Acesso em: 22 ago. 2021.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. “Constituição do campo da comunicação”. **Verso e Reverso**, v. XXV, n. 58, p. 62-77, jan/abr, 2011.

\_\_\_\_\_. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., e JACKS, N. (Orgs.). **Mediação & midiatização [online]**. (pp. 29-52). Salvador: EDUFBA, 2012.

\_\_\_\_\_. O que a comunicação transforma. In: BRAGA, José Luiz... [et al] (Orgs.). **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. (pp. 156-172). São Leopoldo – RS: Ed. UNISINOS, 2013.

FAUSTO NETO, Antônio. “Contendas de sentidos: estratégias de midiatização da doença do ex-presidente Lula”. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 11, n. 22, p. 246-271, 2012.

\_\_\_\_\_. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: BRAGA, José Luiz... [et al] (Orgs.). **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. (pp. 43-64). São Leopoldo – RS: Ed. UNISINOS, 2013.

D’ANGELO, Paul; SHAW, Donna. Journalism as Framing. In: VOS, Tim P. **Journalism**. (pp. 205-234)> Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2018.

FERRARA, Lucrécia D’Alessio. Entre meios: o lugar da midiatização. In: FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, José Luiz; ROSA, Ana Paula da. (Orgs.). **Midiatização, polarização e intolerância (entre ambientes, meios e circulações)**. (pp. 275-295). Santa Maria: FACOS - UFSM, 2020.

HJARVARD, S. “Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural”. **Matrizes**, v. 5, n. 3, p. 53-91, jan./jun. 2012.

LONDOÑO, Ernesto. **The New York Times**, 14 de junho. Brazil President Bolsonaro Is Hospitalized and Faces Possible Surgery. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/07/14/world/americas/brazil-bolsonaro-surgery-hospital.html?searchResultPosition=3>> Acesso em: 22 ago. 2021.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place – the impact of electronic media on social behavior**. New York: Oxford University Press, 1985.

MOTTA, Luiz Gonzaga. “Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos”. **Intexto**, v. 2, n. 17, p. 1-25, julho/dezembro 2007.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. Como estabelecer interfaces entre a comunicação e outras áreas de conhecimento ou prática? In: BRAGA, José Luiz [et al.] (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. (pp. 81-96). São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2013.

\_\_\_\_\_. A circulação no jornalismo e na comunicação. In: PERNISA JÚNIOR, Carlos. **A circulação no jornalismo: o terceiro polo em busca de seu espaço**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 19-45.

PORTO, Mauro P. Enquadramentos da Mídia e Política. *Anais...XXVI* In: Encontro ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 26., 2002. **Anais...Caxambu/MG: Anpocs**, 2002.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação:** questão comunicacional e formas de sociabilidade. Editorial Presença; Lisboa, 1990.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. – Petrópolis: Vozes, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.